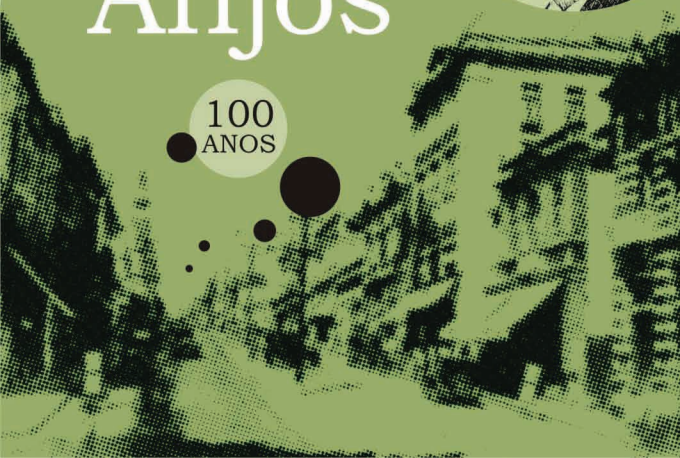


O AMANUENSE

# Cyro dos Anjos



100  
ANOS



## Cyro dos Anjos na Biblioteca Pública

Cyro dos Anjos é um autor familiar à Biblioteca Pública Luiz de Bessa, bem como seus livros: "O amanuense Belmiro" (1937), "Abdias" (1945), "Montanha" (1956), "Exploração no tempo" (1952,53), "A menina do sobrado" (1979), "Poemas coronários" (1963) e "Criação literária" (1954).

Seu rosto, imortalizado em bronze na escultura de José Pedrosa, contempla, entre divertido e melancólico, livros e leitores da Coleção Mineiriana, a sala Eduardo Frieiro, outro escritor que inventou o nome fantasia para a Editora Amigos do Livro, responsável pela 1ª edição do "O amanuense Belmiro". Um dos romances fundamentais da literatura brasileira ou o "livro de ficção mais importante já escrito sobre Belo Horizonte", segundo o professor de literatura Wander Melo Miranda, essa obra é precursora dos textos de Drummond, Fernando Sabino, Pedro Nava e Aufran Dourado, inspirados em Belo Horizonte, tais livros também repousam na Mineiriana, convidando os leitores a mergulhar numa prosa particularmente saborosa que desvela o processo de formação do homem letrado nessa Belo Horizonte culturalmente interessante e agitada, e ainda tranqüila.

"O amanuense Belmiro" foi tema de vários cursos de literatura preparatórios pra exames vestibulares, oferecidos ininterruptamente pela Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa durante quase 30 anos. Em 1946, a primeira experiência itinerante elaborada nesta Casa foi sobre Cyro dos Anjos. Hoje, 2006, ano do seu centenário, ele é lembrado mais uma vez, através de nova exposição biobibliográfica, destinada a circular entre as unidades do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Municipais.

Com entusiasmo e reverência, a Superintendência de Bibliotecas Públicas oferece aos municípios a oportunidade de desenvolver, através de suas bibliotecas públicas, ações de incentivo à leitura das obras deste grande escritor. Mais importante do que eventos, esperamos que as exposições itinerantes despertem um interesse efetivo pelos livros dos autores homenageados. Neste caso, desejamos que os textos de Cyro dos Anjos sejam lidos e relidos. Se "O amanuense Belmiro", seu primeiro romance, foi considerado obra prima da nossa literatura, busquemos a leitura dos demais. O ganho é certo.

## O AMANUENSE CYRO DOS ANJOS

Cyro Versiani dos Anjos nasceu em Montes Claros em 5 de outubro de 1906 e faleceu no Rio de Janeiro em 4 de agosto de 1994. Era o décimo-terceiro de quatorze irmãos, filhos do comerciante e fazendeiro Antonio dos Anjos e de Carlota Versiani dos Anjos.

Em sua cidade natal, o futuro escritor viveu até os dezessete anos. Em 1923, veio para Belo Horizonte para estudar Direito. Aqui fez o percurso de tantos estudantes de sua condição e talento: estudos universitários para definir o futuro, um emprego público modesto para pagar a pensão e as despesas imediatas e o trabalho como jornalista para fazer novas amizades, afiar as garras e pagar o chope e o cigarro. Nessa tripla condição, Cyro conheceu o político mineiro Benedito Valadares, interventor getulista em Minas por 13 anos, de quem foi oficial de gabinete e a quem esteve ligado por toda a vida. O encontro com o interventor definiu o futuro profissional de Cyro. A partir daí, ele esteve sempre ligado aos cargos oficiais, da mesma maneira que muitos intelectuais seus contemporâneos: Carlos Drummond de Andrade, João Guimarães Rosa, Abgar Renault, Murilo Rubião e tantos outros. Na verdade, podemos dizer que, nesse sentido, Cyro, como *Belmiro Borba*, seu célebre personagem, foi um amanuense, isto é, o redator e copista que atuava nas antigas repartições públicas das primeiras décadas do passado século. Do início da década de 1930, até a aposentadoria em 1976, como Ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal, cargo esse concedido como prêmio a sua contribuição, ele passou anos a fio redigindo telegramas, cartas, discursos, exposições de motivos e tudo o mais que fosse necessário para o bom funcionamento da república.

Mas Cyro não foi apenas um homem de gabinete, *ghost writer* de políticos como Valadares e Juscelino Kubitschek, com quem também colaborou. Ele foi, principalmente, um grande escritor. Desde sua primeira obra, *O Amanuense Belmiro*, publicado em Belo Horizonte em 1937, Cyro passou a ocupar lugar relevante em nosso panteão. Os outros livros, *Abdias*, de 1945; *Montanha*, de 1956; *A Menina do Sobrado*, livro de memórias publicado em 1979, apenas confirmam sua coerência estética e grande qualidade literária.

É importante, também, salientarmos sua relação com Belo Horizonte. Em todas essas obras, nossa capital é personagem de destaque, e a fina arte de Cyro nos transporta, com facilidade e realismo, ao mundo da famosa cidade de estudantes e funcionários públicos como então era conhecida. Poucos escritores conseguiram captar com tanta precisão o clima contraditório desse jovem centro urbano que aliava a efervescência intelectual e a insatisfação da geração de Carlos Drummond de Andrade, João Guimarães Rosa, Emílio Moura, Abgar Renault, Pedro Nava e outros do mesmo calibre às amarras sociais características de uma capital dominada pela oligarquia latifundiária. Nesse aspecto, seu único par é, sem dúvida, Pedro Nava, e, curiosamente, um como contraponto do outro - Nava, o memorialista-ficcionista, que "inventa" uma memória como matéria prima, e Cyro, o ficcionista-memorialista, que trabalha o cotidiano vivido como recordação meio onírica, meio crítica, bem à maneira de Proust.

Nada mais justo, portanto, que nas comemorações do centenário do escritor, esta mostra preste uma merecida homenagem a esse grande mineiro, pela inestimável contribuição dada às nossas letras.

## CRONOLOGIA DA VIDA

- 1906: Em 5 de outubro, nasce Cyro Versiani dos Anjos em Montes Claros, MG, filho do fazendeiro e comerciante Antonio dos Anjos e de Carlota Versiani dos Anjos.
- 1914: Inicia o curso primário em sua cidade natal.
- 1919: inicia os estudos secundários na Escola Normal de Montes Claros.
- 1923: Vem para Belo Horizonte para finalizar os estudos secundários.
- 1927/35: Trabalha em diversos órgãos da imprensa de Belo Horizonte.
- 1928: Entra para a Escola de Direito de Belo Horizonte.
- 1932: Forma-se em Direito em Belo Horizonte.
- 1931/46: Ocupa diversos cargos de confiança na administração pública de Minas Gerais, oportunidade em que conhece e passa a colaborar com Benedito Valadares, interventor getulista em Minas.
- 1941/46: É professor de Literatura na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Minas Gerais
- 1946/51: Muda-se para o Rio de Janeiro, então capital federal, onde ocupa diversos cargos na administração pública federal.
- 1952/52: A convite do Ministério das Relações Exteriores exerce a cátedra de Estudos Brasileiros na Universidade do México.
- 1954/55: Ministra a mesma disciplina na Universidade de Lisboa.
- 1957: Ocupa o posto de subchefe do Gabinete Civil do presidente Juscelino Kubitschek.
- 1960: Membro da comissão de planejamento da Universidade Federal do Brasil no novo Distrito Federal.
- 1962/1976: É nomeado ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal. Ministra a disciplina *Criação Literária* na Universidade do Brasil.
- 1969: É eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de Manuel Bandeira.
- 1976: Aposenta-se de suas funções e muda-se para o Rio de Janeiro.
- 1994: Falece no Rio de Janeiro em 4 de agosto.

## CRONOLOGIA DA OBRA

1937: O AMANUENSE BELMIRO, romance.

1945: ABDIAS, romance.

1954: A CRIAÇÃO LITERÁRIA, ensaio.

1956: MONTANHA, romance.

1963: EXPLORAÇÕES NO TEMPO,  
memórias, incluído posteriormente n' A MENINA DO SOBRADO.

1964: POEMAS CORONÁRIOS, poesia.

1979: A MENINA DO SOBRADO, memórias.



Subindo a Rua Erê, tomei à esquerda a Rua Diábase, que mais para o alto, recebe o nome de Esmeralda. Segui-a até ao fim e, pela estrada que continua, cheguei ao Morro dos Pintos. Do alto da colina, contemplei Belo Horizonte, que apenas despertava. As cores já vivas, do céu e a luminosa beleza da cidade feriram-me os olhos. Esses palácios e jardins e a majestade das avenidas e praças situam Belo Horizonte fora dos quadros singelos de Minas. Dentro das casas mora, porém, o mesmo e venerável espírito de Sabarabuçu, Tejuco, Ouro Preto e de tantas outras vetustas cidades. Penso no homem mineiro que se levanta, lê seu *Minas Gerais*, cuida dos passarinhos e se prepara, tranqüilo, para as labutas do dia. A mulher cirze apressadamente um par de meias para ele e lhe pede que não se esqueça de deixar dinheiro para algumas compras. Sai, porém, sorrateiro. Façam-se as compras amanhã, não se corre para gastar. Os meninos estão vestidos, há mantimentos na despensa. Que mais é preciso?



Éramos quatro ou cinco, em torno de pequena mesa de ferro, no bar do Parque. Alegre véspera de Natal! As mulatas iam e vinham, com requebros, sorrindo dengosamente para os soldados do Regimento de Cavalaria. (...)

O proletariado negro se expandia, comemorando o Natal. Satisfeito, o alemão do bar se multiplicava em chopes, expedindo, para aqui e para ali, garçons urgentes.

- A solução é a conduta católica, afirmou o amigo Silviano, meio vago, como que atendendo a uma ordem interior de reflexões, que não era bem a de nossa conversação.

Redelvim convidou-me, com um olhar malicioso, a prestar atenção ao filósofo.

- Hein? Indaguei, voltando-me para este.

- A conduta católica, repetiu. Isto é, fugir da vida, no que ela tem de excitante, continuou como que a falar para si mesmo. - Jerônimo anda mergulhado na teologia. É a solução. Sublimou-se nos doutores.

Só pelo gosto de vê-lo dissertar, objetei-lhe que, nesse caso não haveria solução. O que haveria é supressão da vida. (...) o jovem Glicério ousou enfrentá-lo. Imprudentemente apanhou minha deixa e entrou em cena com entusiasmo. (...)

Silviano olhou-o da cabeça aos pés. Glicério é novo na roda, e nosso amigo não lhe permite tais intimidades.

- Não discuto com menores, disse majestosamente. (...)

Florêncio pôs a mão sobre o ombro dele e disse maliciosamente:

- Estamos ruinzinhos hoje, hein? A pequena deu o fora?

- Recolha-se alimária! Respondeu, irritado, não me dirijo a primários. (...)

Para serenar a roda, propus um novo chope, no que fui aplaudido calorosamente por Florêncio. Aqui escreverei que a razão estava com esse último. Silviano anda em crise aguda. Jandira, que de tudo sabe, contou-me que o filósofo, já à beira dos quarenta, retrocedeu aos vinte: está amando moças em flor. O pior é que a mulher, em vez de irritar-se, vive a ridicularizá-lo.





Para surpreender as velhas, entrei pé ante pé, mas a porta, impelida pelo vento, fechou-se com estrépito.

- O excomungado já vem! Resmungou Emilia. Estava com Francisquinha no quarto grande, onde costumam passar, juntas, as horas em que a máquina doméstica tem seu funcionamento restrito a uma ou duas peças. Terminado o jantar e arrumada a cozinha, as duas podem fazer sua renda de bilro segundo a tradição da casa até as horas de se deitar. Francisquinha não faz coisa que aproveite e apenas embaraça os fios, mas Emilia dá-lhe essa ocupação para a ter quieta. Notei que anunciando minha chegada, Emilia não levantou os olhos da almofada, nem interrompeu sua complicada combinação de bilros. É um hábito das rendeiras, mas, no caso, o fato deveria ter significação particular, pois Emilia estava com a fisionomia carregada. Como de costume, talvez não desejasse que Francisquinha, animada com esse princípio de conversa, começasse a tagarelar. A necessidade de falar a alguém, na solidão da casa, obriga-a a conversar com a outra, mas procura, pelo melhor modo reduzir o efeito dessa concessão. Fala dirigindo-se a si mesma, como quem está pensando em voz alta, e, por essa forma, suprime a presença de Francisquinha, ou a minha presença.

Não resisti ao desejo de provocá-las:

- Boa noite, meninas! Trouxe aqui umas lembrancinhas de Papai Noel para vocês.

Ou de Vovô Índio, conforme preferem os nacionalistas.

- Olha o doido, olha o doido, disse Emilia irritada. Francisquinha teve uma risadinha especial, pousando em mim seus olhinhos brilhantes e fixos.

"Decididamente as velhas estão bravas hoje", pensei...



Aconteceu-me ontem uma coisa realmente extraordinária. Não tendo conseguido conter-me em casa, desci para a Avenida, seguindo hábito antigo. Já ela estava repleta de carnavalescos, que aproveitavam como podiam, sua terceira noite. (...)

Bebendo aqui, bebendo ali, acabei presa de grande excitação, correndo atrás de choros, de blocos e cordões. Não sei como, envolvido em que grupo, entrei no salão de um clube, acompanhando a massa na sua liturgia pagã. (...)

A certo momento, alguém me enlaçou o braço, cantando: "Segura, meu bem, segura na mão, não deixes partir o cordão..." O braço que se lembrou de meu braço tinha uma branca e fina mão. Jamais esquecerei: era uma branca e fina mão. Olhei ao lado: a dona da mão era uma branca e doce donzela. Foi uma visão extraordinária. Pareceu-me que descera até a mim a branca Arabela, a donzela do castelo que tem uma torre escura onde as andorinhas vão pousar. Pobre mito infantil! Nas noites longas da fazenda, contava-se a história da casta Arabela, que morreu de amor e que na torre do castelo entoava tristes melodias.

Efeito da excitação de espírito em que me achava, ou de qualquer outra perturbação, senti-me fora do tempo e do espaço, e meus olhos só percebiam a doce visão. Era ela, Arabela. Como estava bela! A música lasciva se tornou distante, e as vozes dos homens chegavam a mim, lentas e desconexas. Em meio dos corpos exaustos, a incorpórea e casta Arabela. Parecia que eu me comunicava com Deus e que um anjo descera sobre mim. Meu corpo se desfazia em harmonias, e alegre música de pássaros se produzia no ar.

Não me lembra quanto tempo durou o encantamento e só vagamente me recordo de que, em um momento impossível de localizar, no tempo e no espaço, a mão me fugiu. Também tenho uma vaga idéia de que alguém me apanhou do chão, pisado e machucado, e me pôs num canapé onde, já sol alto, fui dar acordo de mim.

O mito donzela Arabela tem enchido minha vida. Esse absurdo romantismo de Vila Caraíbas tem uma força que supera as zombarias do Belmiro sofisticado e faz crescer, desmesuradamente, em mim, um Belmiro patético e obscuro. Mas vivam os mitos, que são o pão dos homens.



Como esta Rua Erê me enternece! Cá estou, de novo, e melhor fora não ter saído. A verdade está na Rua Erê e não no Arpoador. É aqui nesta sala de jantar, onde o relógio de repetição bate horas caraibanas, que encontro um refúgio embora precário.

Emilia continua grave e exata. As coisas, louvado Deus, não se mexeram de seu lugar. Tudo está como deixei e como sempre esteve. Tirante a ausência da pobre Francisquinha, nada se alterou no curso destes doze anos. Entretanto, as transformações interiores me devastaram. Ano difícil, este que se foi! O velho Borba não confiava na paz das coisas e dizia que os reveses vêm, depois, uns sobre os outros. Assim foi em 1935, ano tempestuoso. Terá passado o furacão?

Até então, a vida me parecera de tal parada que supus estar no passado o sentido de minha existência. Por que procurar um sentido individual de existência? Há, nas intermináveis chapadas do sertão, pequenas árvores que não dão frutos, nem sombra. Nem possuem raízes medicinais. Ali estão, talvez, apenas para compor a paisagem da selva. Não estarei aqui somente para integrar o vasto painel humano - ponto de luz ou de sombra, molécula puramente pictórica, sem outro destino? Deveria conformar-me com isto, mas o caniço pensante, inquieto, quis explicar-se.



As aulas começarão depois de amanhã. Estou apreensivo. Foi temeridade haver aceitado o convite. Tenho má dicção e além disso titubeio muito, à procura de palavras. Para evitar apertos de última hora, preparei, antecipadamente, o esquema de duas ou três preleções, mas temo que pareçam às alunas muito secas, demasiado técnicas. Não possuo nenhum talento verbal, e sei que a exposição da matéria demanda colorido, para que logre despertar o interesse do auditório, como o que vou ter, pouco familiarizado com o assunto. Vai ser duro conseguir a atenção da turma para os primeiros pontos, que melhor ficariam no programa de filologia românica. As intermináveis discussões acerca das origens da poesia lírica portuguesa afiguram-se-me, também, um tanto áridas. Creio que será de boa política passar logo ao estudo direto dos nossos velhos trovadores, em que as moças hão de encontrar algum atrativo.

Melhor teria sido não tomar esse compromisso. Positivamente, pertencço à família do *homo scribens* e não à do *homo loquens*.



Por que esconder a verdade de mim mesmo? Já não tenho dúvida acerca do sentimento que nutro por Gabriela. Só os fracos procuram iludir-se, dissimulando a realidade perante a própria consciência.

Não sou fraco. Posso dar aparência disso, por me deixar levar facilmente, em determinadas circunstâncias. Mas, de fato, só transijo quando não há, em causa, um interesse fundamental. Sei que não me faltam vontade e ânimo, pois sempre procurei a verdade e nunca temi enfrentá-la.

Amo Gabriela, eis o que se passa comigo. Há uma semana que não a vejo, e nada supre a falta que ela me faz. Dirão que é ridículo, além de desonesto e absurdo. Será o que quiserem mas, à margem de tudo isso, é algo que tem grandeza da verdade e que não me envergonho de confessar.

Perguntarão como pôde acontecer que um homem prudente como eu caísse em semelhante estultícia. Não sou amoral, e tudo, entretanto, me parece agora perfeitamente razoável: quero Gabriela, como quereria uma flor, uma borboleta, um pássaro. Não são todos alegria do homem? Todos são belos e filhos da natureza.



*Pedro Viaduto...* Cachorros! Se aquilo tivesse sido necessário evidentemente não houvera hesitado, pois seu destino paira acima de escrúpulos tolos. Como vontade pura, força desencadeada, só se detém diante dos obstáculos maciços. Mas, nesse caso do Viaduto fora o que de mais liso e honesto se passara em Montanha! Nenhum assunto constituiria objeto de tão escrúpuloso estudo. A revisão dos preços imposta pela guerra viera quase triplicar o custo da obra, mas o Contencioso concordou em que se aplicava na espécie a teoria da imprevisão. Afinal, apoiara-se no parecer do próprio João Bento! Se mais tarde os amigos da *Viaduto Ltda.* o ajudaram na campanha, tal gesto fora espontâneo. Deram-lhe, é certo, a presidência da *Companhia de Aços Finos*, integrada no consórcio, mas nenhum favor houvera nisso: precisavam de pessoa prestigiosa à frente da empresa. E admitindo o contrário, quem poderá atirar-lhe a primeira pedra? Se os homens públicos se deixarem embaraçar por frioleiras dessa espécie, o poder se deslocará inteiramente para as mãos dos ricos. Ou a plutocracia governa sozinha ou têm os políticos pobres de recorrer a expedientes que proporcionem fundos para a luta eleitoral.



Pedro Gabriel está desperto. Faz cálculos, balanceia forças. Há um mês, desde que a campanha se intensificou, não come, não dorme. Já correu quase Montanha toda: em avião, trem, auto e até cavalo. Passa como um corisco pelas cidades, vilas e povoações, detendo-se apenas onde lhe preparam comícios ou tem de conversar com chefes graduados. No comum, só desce do carro para tomar uma xícara de café na casa do juiz de paz. Ali rapidamente recebe os amigos da região, combina manobras, expede observadores para um ponto, mensageiros para outro, revê estatísticas, assenta previsões. Cifras, cifras, sempre cifras a lhe ferverem na cabeça... Sabe que é o segredo do êxito: concentrar sobre-humanamente as energias no objetivo. Se ganhar, terá Montanha e, depois, o país. Ninguém deterá sua marcha. Fará o que presidente nenhum foi capaz de fazer. A matéria é frouxa: um povo desanimado, sentimental, roído de verminoses. Mas saberá enrijá-los na luta. Mantê-lo em tensão permanente. Dará a essa massa inerte nervos que a excitam. E arrancará dela trabalhos de Hércules! Com as riquezas imensas que por aí dormem, uma potência mundial. Não terá complacência com o liberalismo anárquico, em que se diluem as energias do país.



Em torno da mesa de pereiro branco, larga e comprida, cabiam os quatorze filhos e os parentes que se criavam na casa, mas poucas vezes o clã se reuniu por inteiro. Dos rapazes, alguns viviam fora, a estudar ou tentar a vida, e a primogênita, casada, participava da refeição paterna só em âgapes comemorativos. Contudo, não faltavam hóspedes ou convivas que preenchessem os claros deixados à esquerda ou à direita da venerável peça.

Servia-se o almoço às dez e o jantar às quatro, e isso representava já uma concessão aos hábitos citadinos. Meu Pai nascera na roça, e o horário ideal parecia-lhe o da tia Perpétua, que, às nove, papava o seu picadinho com angu, ao meio dia merendava, e às três despedia-se da mesa com uma sopa de feijão, para se meter entre os lençóis assim baixasse a noite, conforme prescreviam os antigos: *Janta com sol alto, não terá sobressalto; com o sol posto, descansa o rosto.*

O almoço corria sem problemas. Ao jantar, a inquietação nos assaltava: seria longo o trecho que o Pai ia ler à sobremesa? Lá fora, os companheiros já deviam estar esperando a gente, ou sendo o tempo de fruta e a tarde bela, a família haveria de ir à chácara do Melo.

Só de raro em raro o Pai abria mão dos enfadonhos e intermináveis minutos de leitura. Fazia questão de transmitir ao clã o que achara proveitoso nos livros mandados vir por intermédio de caixeiros-viajantes ou adquiridos pessoalmente, na viagem anual ao Rio. Lia pausado, intercalando comentários, sem se preocupar com a nossa ansiedade, que muitas vezes se fazia patente.

Mais tarde, vim apurar que a matéria variava: páginas de divulgação científica, discursos de Rui no Senado, um ensaio, uma biografia. De quando em quando, assunto mais crespó, reflexões filosóficas inacessíveis até mesmo ao entendimento dos mais velhos. Tomado de entusiasmo, o Pai esquecia-se desse pormenor, alheava-se inteiramente do auditório. Na sua fase darwinista, tivemos de ouvir Büchner e Le Dantec, firmes, sem pestanejar, enquanto o espírito, os nervos, os músculos, o sangue em ebulição estavam no Largo de Cima, entre a soldadesca de brinquedo, a arrastar para a cadeia o preso recalcitrante, ou a boca se enchia de água, por se lembrar dos tamarindos que, na chácara, já estalavam a vagem, de maduros





Na dança de roda, já não me apanhavam então: era coisa para meninas. Braços cruzados, punha-me de lado, fingindo não dar confiança. A verdade é que tentava ir embora e não podia. Os pés se chumbavam ao chão, os olhos se amarravam em Risoleta, menina quase mocinha, três anos mais velha do que eu, já requestada pelos craques do América Infantil Futebol Clube. Queria-me um pouco ou apenas exercitava seu poder de sedução? Jamais poderia saber-se, em Santana. Só direi que de vez em quando me fazia a esmola de um olhar, e esse olhar se enlaçava ao meu, presumivelmente provocando em mim abalamentos, que um sismógrafo, mesmo distante, pudera facilmente registrar.

Ao centro do círculo, enquanto as outras, de mãos dadas, giravam em torno, ela cantava amores que só a morte extingue:

Hei de amar, floramar  
Hei de amar até morrer, floramar...

Um dia, lançando os olhos de esguelha sobre o menino tímido, buliu na secreta chaga:

Vem cá, meu bem,  
Quero te contar.  
Amor oculto  
É capaz de matar.

Pela persistência com que certas cantigas se conservam neste coração troveiro, varando o tempo imenso que se interpôs entre eles e as meninas das rodas de Santana; pela solicitude com que as letras e toadas me acodem à lembrança, ao primeiro apelo da memória, vejo agora, que algo além de Risoleta me prendia àquele círculo, como a garra de um imã; era o incipiente prazer estético, a fazer com que eu me embevesse não propriamente em mirar a criatura amada, mas em lhe ouvir ternas cantigas, que diziam de amor e de flores:

Eu estava na estação  
Quando meu amor chegou.  
Deu um vento na roseira,  
O salão encheu de flor.



Largas e vazias eram as ruas de Belo Horizonte de 1923, mas tudo me parecia trepidação, formigamento, em contraste com o paradeiro que Santana me deixara na retina. Já me imaginava nos bares, aturdido pelo corre-corre dos garçons, já subia a Rua da Bahia com os companheiros, já me incorporava ao *footing* da Praça da Liberdade, onde em noites de *retreta* Priscilas outras haviam de surgir aos punhados. Depois do *footing*, meu pensamento tomava o bonde, apeava na porta do Odeon, entrava na sala de projeções, mirava, guloso, a esplendente platéia. A fita era de Pola Negri. Tudo como diziam as cartas do Newton. E, antes de alcançar a Pensão Albornoz, onde iria alojar-me, arrogara, uma por uma, as prerrogativas estudantis, em que Belo Horizonte era pródiga. Desapontamentos viriam. O mundo que me esperava não conferia com o imaginado. Sucederia também que, após três meses de lua-de-mel com a Capital, seria eu devolvido a Santana, e de novo afundaria nas minhas tristuras, até que outro milagre se operasse.

Isso contar-se-á depois.



Depois que se foram as bailarinas de Clara Weiss, voltamos a nos reunir à porta do Odeon, pelas dez da noite, quando acabava a segunda sessão. Desses princípios de 1925 data o descobrimento das *Deidades*. Ninguém antes de nós atentara na existência delas, como ser coletivo, ninguém lhes percebera a divina condição. Andavam ordinariamente em grupo; fora dele, perdiam o poder encantatório, retornavam ao trivial humano. Foi no saguão do cinema, enquanto esperávamos um filme de Lilian Gish, que se produziu o impacto. No jirau, lá em cima, Flausino repetia, em solo, a *Serenata Andaluza*; com as sua fiorituras e volteios arrancara uma trovoada de palmas e de bises a quem estava dentro do recinto e aos que, de fora, metiam o nariz pelas grades das portas. Dessa noite em diante viveríamos sempre obsidiados pela esperança de revê-las.

Quando havia dinheiro, ia-se à segunda sessão, a delas; quando faltava, rondávamos a área, até o término do espetáculo. (...)

Quando a sala de projeções despejava no saguão a preciosa onda, nós parávamos o nosso vaivém pela calçada e sondávamos, nervosos, o recinto momentaneamente cheio. Presteza se impunha, que a onda logo se desfazia, em direção aos pontos de bonde. Estariam no bojo dela?

Bonde? Indagar-me-eis. As *Deidades* andavam de bonde, como qualquer vivente? Admirai, mas andavam. Os papás possuíam automóveis - é claro - para ir ao consultório, ao escritório. Não iam. Cinema era coisa de gente moça. (...) É de presumir que chegavam a casa e recolhiam o veículo, fatigados. A mulher que acompanhasse as garotas, e de bonde. (...)

Afortunadamente, descobriu-se, mais tarde, que podiam ser vistas não apenas à porta do Odeon. Iam à missa das nove, na igreja de Lourdes, fugindo à de São José, de freqüência um tanto mesclada. E, por vezes, condescendiam em comparecer a festas beneficentes, um leilão, uma barraquinha.



A menina do Sobrado... Agora, mocinha. Dezessete anos, parecia ter quatorze. O trem cortava o tabuleiro, e o sol, nascendo, punha dourado de capela antiga no esmaecido azul da serra de Diamantina. Mas o que vi, na verdade, e nunca esqueci, foi outro dourado o dos cabelos dela, também de ouro velho, também de capela antiga, e de imagens da Virgem.

Viera, com três companheiras, passar o carnaval em Belo Horizonte, e regressava à terra. E eu lá ia, de passeio. Não havíamos conseguido leito. Varou-se a noite a prosear: eu, adiante num banco junto da mais velha, que tomava conta da turma; ela, no fundo do carro, com as duas outras. Por isso e por causa do mortiço da luz, só lhe prestei atenção quando amanheceu o dia - e um raio de sol horizontal, metendo-se pela fresta da janela, veio dourar-lhe a face. A carinha sarapintada de sardas, os olhos travessos, o sorriso de covinhas, um alumbramento!

"É a noiva! - pensei, maravilhado. - essa aí não me escapa!" (...)

Dai a dois meses estava noivo - escrevi. Doido, desgovernado, o amor irrompera como uma tromba d'água, um furacão, varrendo tudo, derrubando tudo. Parecia que os amores todos, de Risoleta a Priscila, de Olguinha a Débora, Osetta, Cléo, Ângela, todos, todos, os reais e os de mentira, os brandos e os lacerantes, os que pediam a vida e os que traziam anelos de morte, haviam se confundido e amalgamado, para se transsubstanciareem num só e único amor, alma e corpo, adoração e desejo, fantasia e ternura, e o infinito mais, que o amor total contém.



Vi-me algemado a um birô, um Birô que tinha partes com o Diabo, e, quando lhe dava na telha, diabolicamente se deslocava no espaço, mudando o local do meu suplício, não o suplício. (...) Que me pedia esse diabólico Birô? Pedia tudo. A carta maneirosa, o telegrama diplomático, as cacetíssimas exposições de motivos, e pareceres, discursos, mensagens, projetos de lei, toda a matéria temporal e perecível que, num gabinete de governo, consome pena e papel. As cartas! Houve uma quadra em que elas se multiplicavam ao infinito: uma gerava outra, e esta, a uma terceira, e a terceira, a uma quarta, pois o Birô não admitia ponto final, devendo o agradecimento a uma epístola ser, a seu turno, objeto de outro agradecimento. Os discursos, esses davam vontade de morrer. (...)

Investigo, pondero, não há o que lamentar. E isso porque, dissipadas as antigas veleidades, vejo-me cômico, não sem uma ponta de amargura, de que nenhum detrimento adveio às letras nacionais disso de haver sido eu forçado a lhes sonegar algum suplementar produto do meu fraco engenho. (...)

Se não lamento o escritor, também não lamentarei o homem civil e o doméstico, e agora, por essa razão singela, que me parece necessária e suficiente, como se diz nos teoremas: aquele trabalho aborrecido, obscuro e anônimo foi meu ganha-pão. (...) Adicionarei outra razão para que não me lamente: na demorada passagem pelas ante-salas do poder, não encontrei, entre aqueles a cujo serviço eventualmente estive, nenhum a quem não pudesse afeiçoar-me. (...) Guardo más lembranças do Birô, não deles. O Birô marcou-me.

